escola, formação, desejo do analista e ato



a causa analítica

ANTONIO QUINET

EM TODA POLÍTICA há uma causa a ser sustentada, defendida, causa em nome da qual se fala, age-se, briga-se, milita-se. No que concerne a nosso ofício, perguntemo-nos: é a *causa analítica* que se encontra no fundamento da política da Psicanálise?

No ato de fundação da Escola Freudiana de Paris encontramos esse termo: *a causa analítica* — "Fundo, tão só quanto sempre estive na minha relação com a causa psicanalítica...".

Como é a relação de cada sujeito com a causa analítica? Trata-se de uma relação solitária? É possível fazer dessa causa uma causa comum, causa partilhada?

A causa analítica fundamenta-se no postulado de base da psicanálise que norteou nosso estudo ao longo deste ano: o objeto da satisfação primária é perdido e o sujeito passa toda a sua vida buscando reencontrá-lo. Objeto que é a causa do sujeito. Objeto que causa seu desejo, mas também sua angústia e seus sintomas. Objeto que nunca é achado para sempre, mas que, ao ser reencontrado, já é logo perdido, que se esvai, escorrega por entre os dedos, por entre as palavras.

A psicanálise começa com a descoberta de uma causa inédita para os sintomas: a causa sexual. Escândalo freudiano que se renova todo dia em consultórios de analistas, mas também nos hospitais, prontos-socorros e clínicas, quando aí se permite o discurso analítico, e quando os psicanalíticas do ego renovado não conseguem neutralizá-lo. A causalidade do traumatismo sexual como real, tal qual Freud depreendeu do discurso das histéricas, permanece como marca da verdade da etiologia das neuroses com sua estrutura de ficção. A teoria da fantasia que vem substituir a teoria da realidade do trauma não abala, no entanto, a *causa sexual* da neurose, que é o seu efeito. Mas o efeito da causa sexual é mais do que o sintoma. O que a psicanálise descobre é que o *sujeito* é o efeito da causa sexual — o sujeito do desejo. Essa causa sexual condensa-se em um objeto inapreensível, no mundo sensível dos fenômenos, objeto feito de libido: condensador de gozo cuja substância nada mais é do que episódica, sob as quatro modalidades depreendidas por Lacan — objeto oral, anal, olhar e voz. Nessas modalidades, o objeto *a* é *a causa* do sujeito, sujeito como resposta do real:

sujeito desejante, cuja orientação subjetiva é dada pelas coordenadas simbólicas comandadas pelo objeto, que escapa justamente à determinação significante.

Tomemos duas concepções de causa:

1. A causa e seu efeito: a causa dos sintomas da doença do sofrimento, a causa do mal-estar que se revela ser também a causa do desejo.
2. A causa pela qual se luta, a causa que se defende, pela qual se perde até morrer. A causa que norteia uma vida.

Pois bem, a psicanálise mostra que *uma* e *outra* causa não apenas têm conexão, mas são, na verdade, a mesma causa. Trata-se da relação do sujeito com o objeto que o causa — relação esta que se encontra na construção da fantasia em uma análise.

o neurótico e a causa

O que o neurótico faz com a causa? Ele não quer nem saber da causa real. Mas ele não deixa de ter uma causa, de brigar por ela e até sacrificar-se e morrer em nome da causa que defende.

A causa de que se trata na neurose é sempre a causa do Outro, em particular a causa paterna. Lá onde está a causa, o objeto como causa, o neurótico coloca o Pai. É como Freud apreendeu de início a causa sexual: o pai é o vilão denunciado pela histérica. A sedução pelo pai como causa sexual dos sintomas foi como Freud designou a psicanálise. A política do neurótico é salvar o PAI, que paradoxalmente é acusado das desgraças do sujeito — o pai sempre faz de mais ou de menos. Na vertente histérica, trata-se de salvar o pai da impotência, e, na neurose obsessiva, de salvar o pai da condenação por seu excesso de gozo. Lá na histeria, há uma acentuação da falta constitutiva do objeto e, na neurose obsessiva, a acentuação do gozo do objeto.

Dora sustenta a causa paterna através de seu sintoma de afonia (fantasia de *fellacio*) e através da idealização da Sra. K. como objeto de sua adoração. O *ballet* da intriga efetuado por Dora é coreografado pela causa paterna que, de uma certa forma, é uma causa perdida, pois o pai é impotente. Outra vertente dessa vocação de sustentar a causa perdida é o exemplo de Ana O., que se tornará assistente social.

Quanto ao homem dos ratos, a causa defendida com seu sintoma é a causa do pai cujo excesso condenável consistiu em apostar e perder no jogo todo o dinheiro do regimento no qual servia e do qual era o tesoureiro. O pai foi salvo da prisão e da vergonha pública graças a um amigo que lhe emprestou a

soma para repor. Esse empréstimo nunca foi pago, sendo justamente o que o filho simbolicamente herda. Daí o homem dos ratos criar com seu sintoma uma dívida tão impagável quanto a de seu pai, dedicando-se assim à causa paterna.

Como saldo dessa operação, o sujeito neurótico, ao escolher a causa paterna, é levado ao pior: ele recai na impotência subjetiva, lá onde é o impossível de dar consistência ao pai que prevalece, pois o pai da causa (que vem no lugar da causa) não passa de um significante.

Assim, na vertente histérica, o sujeito toma a falta como objeto e faz da castração do Outro seu objetivo a denunciar, com indignação e revolta — sem se dar conta de que denunciar as misérias do mundo é entrar no discurso que as condiciona. É a versão do militante da causa perdida. Na vertente obsessiva, o sujeito se vê derrotado pela perda e faz-se de morto, anulando seu desejo para ser o avalista do Outro através de um trabalho de militância. A vertente histérica acentua a impotência da causa e a obsessiva a impossibilidade da causa prevalecer.

a causa significante

O que a psicanálise mostra é que o sujeito não é causa de si, mas a causa do sujeito tampouco se encontra no Outro, no Outro do significante. É certo que o sujeito é determinado pelo significante, "pela constelação familiar que precedeu o nascimento do sujeito", pois o Outro é prévio ao sujeito. É por intermédio do desejo do Outro que o sujeito advém ao simbólico. A determinação do sujeito pelo Outro aliena-o aos significantes que selam seu destino — é por isso que é declarado numa análise. É em torno da causa do Outro que o sujeito constitui seu mito individual.

Se o sujeito é alienado aos significantes do Outro, ele também é, no entanto, separado do Outro justamente por aquilo que constitui a sua causa: o objeto *a*, causa do desejo.

Se a política do neurótico se encontra na alienação ao Outro, a política do analista deve ser a da separação do Outro.

Às operações de causação do sujeito à causa significante da alienação opõe-se a causa real da separação.

$$\frac{\text{alienação}}{\frac{S_1 - S_2}{\$}} \qquad \text{e} \qquad \frac{\text{separação}}{a \rightarrow \$}$$

O neurótico milita com seu sintoma pela causa significante, pois se encontra alienado aos significantes ideais

do Outro, o que faz escamotear a causa real, lá onde se encontra atualizado seu desejo de sujeito como separado do Outro.

No texto "A ciência e a verdade", Lacan revela a verdade do sujeito como causa material, identificando esta como sendo a própria incidência do significante e notando, assim, que a *linguagem é material* — é a linguagem como matéria que é o hábitat do sujeito. Se aqui Lacan aponta para a causa significante, ele, no entanto, nesse mesmo texto, quer a teoria do objeto *a*, "necessária para uma integração correta, em relação ao saber e ao sujeito, da função da verdade como causa".[1]

[1] LACAN. *Écrits*, p.876.

Na relação com a causa, Lacan aconselha-nos a resistir à magia, à religião e à ciência. A *magia*, ao operar com a causa eficiente que é a instrumental, supõe o significante respondendo ao significante (como, por exemplo, o xamã, e até mesmo a astrologia), negligenciando a particularidade do sujeito. Uma prática, de fato, não precisa ser esclarecida para operar. A *religião*, em que se entrega a causa à Deus, numa tentativa de livrar-se dela, é o aspecto finalista da causa. Na ciência, tenta-se a foraclusão da verdade como causa. A verdade do sujeito, no caso, o desejo do cientista, não interessa, e sim a causa formal.

O texto "A ciência e a verdade" constitui uma prévia dos quatro discursos como laço social, quando Lacan já terá colocado em jogo não mais a causa significante, mas o objeto *a* como causa real, fazendo parte do que estrutura as relações entre os seres humanos, como é desenvolvido no seminário *O avesso da psicanálise*.

a causa nos laços sociais

Nos quatro discursos, não encontramos a identidade entre a *verdade* e a *causa*, mas uma forma de articulação que contém união e disjunção (causa/verdade). *Para cada causa, há uma verdade que a sustenta.* Lá onde está o agente, encontramos a causa do discurso.

Discurso do Mestre

$$\uparrow \frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a} \downarrow$$

Discurso Universitário

$$\uparrow \frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{\$} \downarrow$$

Discurso da Histérica

$$\frac{\$}{a} \uparrow \rightarrow \frac{S_1}{S_2} \downarrow$$

Discurso do Analista

$$\uparrow \frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$$

No discurso do mestre, a causa é o poder e a verdade é o sujeito do desejo. Aqui, o que interessa é o poder — tudo pelo poder: ir para o poder, permanecer no poder, voltar ao poder.

O poder é a causa desse laço social, é o que move o sujeito para subjugar o Outro, obtendo dele um produto do qual o mestre possa usufruir. O objetivo do poder pelo poder é extrair do Outro o objeto de gozo para seu proveito.

No discurso do universitário, a causa é o saber e a verdade é o poder. O saber como causa escamoteia o poder que se encontra em seu fundamento, como o testemunham as pelejas acadêmicas. Militar pela causa do saber está do lado da *universitas*, da "universitalidade" do saber que não leva em consideração seu próprio furo, a particularidade do que causa o sujeito. Isso faz retornar essa particularidade do sujeito do desejo ($) como sintoma na falha do saber do Outro. Eis o produto desse discurso, o reivindicador que é, por excelência, o estudante.

No discurso histérico, a causa é o padecimento do sujeito, a miséria do ser humano, e a verdade é justamente o objeto *a*, excluído da civilização, objeto causa de desejo. É o laço social que mais se aproxima do discurso do analista, constituindo-se como sua condição de possibilidade à medida que toma a falta-a-ser como objeto da política. É a histerização do discurso. A partir da formulação dos quatro discursos, fica difícil situarmos a política da falta-a-ser como sendo a do analista, mas sim a da histerização.

Se Lacan utilizou, em 1958, a expressão "política da falta-a-ser" para designar a política do analista, na direção da cura, foi para contrapô-la ao ego forte do analista baluarte da realidade para o analisante. A política referente ao discurso do analista não toma a falta como causa, mas sim o objeto causa de desejo.

A partir da teoria do objeto *a* podemos dizer que a política do analista é constituir-se, ele próprio, como a causa, no registro do faz-de-conta, causa para a política do analisante que, esta sim, deve instituir-se como falta-a-ser, ou seja, a do sujeito da associação livre, sujeito do desejo que deixa suas penas, seus significantes, lá onde esperava encontrar pelo menos um significante ideal que o fixasse ao Outro, mas falta o significante de seu ser. Trata-se da política do analisante e podemos nos perguntar se não é ela que se encontra no horizonte do analista, quando ele ocupa a posição de ensinante, como posição que aponta a falha do saber.

A política da falta-a-ser é a condição para o advento da política do analista, pois é ela que aponta a falha no Outro, sua falta, sua inconsistência. Em suma, que derruba as Utopias que sempre tentam restabelecer um Outro sem falta a partir de algum ideal, como nos mostrou Romildo do Rêgo Barros. Não há política do analista sem a falta-a-ser, mas ela a esta não se reduz.

O discurso do analista é o único em que a *causa* do laço social coincide com a *causa* do sujeito, e a verdade que sustenta essa causa é o saber inconsciente. Em todos os outros discursos, a causa é ocupada por outro elemento: o poder, o saber, a falta, ou seja, respectivamente, o Um totalitário, a burocracia *universitas* e os *pathos* do sujeito. É no discurso do analista que encontramos a causa de sua política como o objeto causa de desejo.

Esse objeto, que Lacan chamou de *Mehrlust*, mais gozar, a partir da *Mehrvert*, a mais-valia de Marx, é o produto, o que é extraído como excedente do discurso capitalista, que é a versão moderna do discurso do mestre.

A mais-valia é a causa de desejo que funda o laço social do capitalista com o proletário. Ela é o produto da política do capitalismo, cuja causa é extrair o gozo do outro fazendo-o trabalhar.

A causa marxista pode ser resumida como o término da exploração do homem pelo homem, com a abolição das classes sociais, promovendo então a justiça distributiva (distribuição equitativa de renda) e a extinção da mais-valia. Se, por um lado, os impasses aos quais foi levada a política marxista mostram que esta foi impotente em servir como saída do discurso capitalista, por outro lado, não invalida a análise do capital efetivada por Marx. A política marxista não fundou, propriamente falando, um novo laço social. Teria sido esse o seu fracasso, ao deixar-se utilizar pelo discurso totalitário do mestre e pelo discurso universitário da burocracia?

A causa analítica, apesar de sua afinidade, não é equivalente à causa marxista: ela não apregoa a justiça distributiva do gozo, pois este não pode ser repartido. E se fosse quem repartiria? O gozo distribuído equitativamente levaria cada um ao direito de gozo sobre o outro — o gozo para todos —, como na república sadiana, com a abolição do particular de cada um e o império do imperativo do supereu, que é o empuxo ao impossível.

αγαλμα

A causa analítica é a causa a que se dedica o analista e que Lacan chamou de *agalma*, a essência do desejo. "O analista a advir, diz Lacan na *Proposição*, se dedica ao agalma da essência do desejo, pronto para pagá-lo reduzindo-se, ele e seu nome, ao significante qualquer." Lacan precisa, assim, agalma, o objeto precioso, causa de desejo, depreendido no discurso de Alcebíades, em *O banquete*, de Platão, como a causa da transferência, causa da análise.

Se o analista não se dedica a essa causa na clínica, não há análise que possa ser conduzida, pois não haveria transferência analítica, apenas sugestão. O preço é abdicar de seu ser, *desser* (eis a falta-a-ser do analista revisitada pela teoria do objeto *a*), para poder bancar o objeto *a* para o analisante e abdicar de seu nome, a fim de poder ser reduzido ao significante qualquer com o qual o sujeito o investirá na transferência.

Essa indicação de agalma como causa analítica se completa com outra, citada por Jacques-Alain Miller como norteadora de seu seminário de 1987/1988: "O sujeito, diz Lacan, causa o desejo do Outro às custas de consentir em se apagar diante do objeto". Essa posição de consentimento implica o sujeito ter passado pela experiência de destituição subjetiva em sua própria análise, quando acontece o passe, a passagem de analisante a analista. Nesse momento "o ser do desejo conflui com o ser do saber, diz Lacan também na *Proposição*, para daí renascer, para se vincularem em uma banda feita de um único bordo, onde se inscreve uma só falta, a que sustenta agalma".

Agalma é portanto o que emerge como causa analítica — causa do desejo de saber —, desejo inédito que é o "x" do desejo do analista. O objeto do desejo que a psicanálise revela não é o objeto visado pelo desejo, mas, como nos mostrou Maria Anita Carneiro Ribeiro, o objeto que vem atrás do desejo, causando-o. A causa analítica seria, portanto, o objeto causador do desejo do analista. Se o desejo de cada sujeito é particular, o desejo do analista, que advém no final da análise, é um operador sem o qual não há análise. Será que o mesmo não se pode dizer em relação à causa analítica, como causa que se encontra no fundamento do desejo do analista?

A causa analítica não é a causa impossível do obsessivo nem a causa perdida da histérica, mas a essência do desejo, cuja verdade é o inconsciente (a/S2). A causa analítica não faz do sujeito um subversivo — o sujeito é por ela subvertido, pois consente em que o objeto seja ativo. É o objeto agalmático que vem subverter os ideais da civilização: tanto os ideais do amor cristão quanto os ideais do capitalismo.

À utopia totalizante e unificante do Outro se opõe a atopia da causa analítica, que, por não ser sitiada no Outro, pode surgir e operar em qualquer lugar, produzindo surpresa, espanto, indiferença ou nojo, e até mesmo horror, mas sempre fazendo valer o particular do desejo e o saber do inconsciente lá onde há analista para introduzir a função da causa. O consultório não é seu laboratório, nem tampouco a Escola o

santuário da causa analítica. A experiência analítica é a experiência da causa sexual e a Escola, o lugar da demonstração da passagem da causa sexual à causa analítica.

segregação e separação

Gostaria de retomar aqui a discussão levantada por Stella Jimenez e Elza Freitas a respeito da passagem da segregação — situação de Lacan em relação à IPA, quando fundou a Escola — à situação de agregação, movimento em que nos encontramos para fundir a nossa Escola.

Segregação é uma modalidade de separação que parte de um todo, de um conjunto totalizador que exclui, que segrega. A segregação é a ação pela qual se coloca à parte, separa-se de um todo, de uma massa, de um grupo.

A segregação, o *apartheid*, não é uma operação de causação do sujeito. A segregação dessubjetiva, desconsidera o sujeito, tratando-o como um rebotalho, um dejeto a ser expulso. Trata-se de uma separação comandada pelo Outro, que visa à expulsão e até mesmo ao aniquilamento do sujeito. A "solução final" dos judeus pelos nazistas é a conseqüência última da lógica da segregação, assim como é o caso do extermínio dos meninos de rua.

A separação, como operação de causação do sujeito, é a operação que, como nos mostrou Sonia Alberti, corta com a alienação do sujeito ao Outro do significante — via pela qual "o sujeito se realiza na perda em que ele surgiu como inconsciente pela falta que ele produz no Outro".[2] *Separere* é equivalente a *se parere*, que, em latim, significa 'engendrar-se a si mesmo'. Na operação de separação do Outro, o sujeito engedra-se na falta do Outro, lá onde reside a metonímia do desejo, causado pelo objeto.

[2] LACAN. *Écrits*, p.843.

A política da psicanálise não implica defender a causa do segregado. Trata-se antes da política da separação, que é a causa analítica. *Segregado*, parte do Outro, *separado*, parte de si, subvertido pelo objeto de seu próprio desejo.

Foi a relação de Lacan com a causa analítica que o permitiu separar-se dos ideais da IPA, a segregação veio depois, por causa disso. A segregação não é garantia do lugar do analista, pode funcionar porém como garantia do Outro, conferindo-lhe consistência.

o *soll* da causa analítica

Lacan não se coloca, ele, como causa analítica para fundar sua Escola, mas seu ensino, com seu valor agalmático, em nome

do qual funda e em nome do qual dissolve. Ensino que, por ter valor agalmático, faz função de causa analítica para a Escola. E é em torno dela que analista e não analista se agregam na Escola.

Quando lança a Causa freudiana em 1980, após a dissolução da E. F. P., Lacan convoca os analistas que dessa Escola faziam parte a um trabalho de luto, a ser entendido como um trabalho de desapego aos ideais comuns, comunitários, que os uniam (uma vez que os ideais estavam encobrindo a causa analítica em nome da qual Lacan a tinha fundado). Disso podemos depreender que a causa analítica implica sempre a renúncia aos ideais do grupo. Por outro lado, Lacan não propõe a dispersão, mas a agregação em torno justamente da Causa Freudiana, insistindo que não a faria sozinho, mas que cada um deveria "colocar de si".

É esse "colocar de si" para a causa analítica, vetorizado por uma tarefa comum, que constituirá a proposta de Lacan da contra-experiência (no cartel, no trabalho e na Escola). A causa analítica é o que se encontra no eixo do turbilhão daqueles que querem dar de si para a psicanálise.

O ensino de Lacan da descoberta freudiana, por ter valor agalmático, fez função de causa analítica na fundação da E.F.P., em sua dissolução e no relançar da contra-experiência da Escola da Causa Freudiana. Nesse sentido, poderíamos dizer que transmitir o ensino de Lacan é sustentar a causa analítica? Mesmo sendo o caso, isso não resolve o que é para cada um a causa analítica e a relação de cada um com ela.

O que faz com que aquilo que causa o sujeito — o objeto causa de desejo, que é o que ele tem de mais particular — venha a ter para ele a função da causa analítica? O que faz com que esse objeto seja causa do desejo do analista? Eis as perguntas que podemos fazer à Escola, em que o dispositivo do passe tenta a elas responder a partir do testemunho de cada um.

Nesse renascimento, como se expressa Lacan na citação da *Proposição*, renascimento de uma nova relação entre o desejo e o saber articulado por agalma, cabe ao sujeito a decisão de dedicar-se ou não ao agalma como causa analítica. Em outros termos, cabe ao analista a decisão de tornar-se ou não responsável pela causa analítica. Lacan situa essa decisão no âmbito da ética: "o analista a advir *deve* dedicar-se ao agalma", diz ele, acrescentando assim ao imperativo ético freudiano — "*Wo wes war soll ich* werden o *soll*" — a dedicação do analista que advém para a causa analítica.